REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

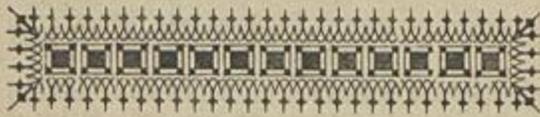
25.º Anno — XXV Volume — N.º 838

10 DE ABRIL DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

Guerra na Africa do Sul

O COMMANDANTE BOER DELAREY

CHRONICA OCCIDENTAL

Raras vezes, a não ser por motivo excepcional, que terá acontecido ser falta de melhor assumpto, rarissimas vezes aqui tratamos de noticias politicas, que é no que, mais ou menos, se fala agora por todos os lados, nos centros, nos cafés, pelas esquinas de cada rua, á mesa redonda dos hoteis ainda cheia de deputados provincianos.

D'esta vez não é portanto falta de assumpto melhor, é porque a politica é o melhor assumpto.

Terminadas as ferias, abriram novamente as camaras, que, muito provavelmente serão prorogadas até bastante por maio dentro, promettendo alguns debates serem longos na camara dos pares: Será talvez duradoura a discussão do convenio com os credores estrangeiros, e n'elle deverão tomar parte activa os deputados franquistas e o sr. Fuschini e Dias Ferreira.

O sr. Carrilho deve estar em Lisboa proximamente no dia 15, e só dias depois, o projecto será conhecido em todas suas particularidades.

Fala-se naturalmente de crise, como é custume sempre que na politica toma entre as questões logar dominante a financeira.

Damol-o como simples curiosidade. Dizem uns que o ministerio pedirá a demissão, outros não vão tão longe. Entraria para a fazenda o sr. Carrilho, para as obras publicas o sr. Moncada e o sr. Hintze Ribeiro tomaria conta da pasta dos estrangeiros.

Na vida publica é como na vida particular de cada um: Muito importante um só assumpto: o dinheiro

Que vida triste levam os pobres devedores! que susto a cada toque de campainha! que pallidez ao dar a ordem: não estou em casa para ninguem!

Mas um pobre ministro da fazenda nem esse recurso tem, tão simples. Ha de estar em casa sempre.

O sr. Carrilho tem-se fartado de viajar por todas as capitaes da Europa e, elle que o diga, não terá sido positivamente uma viagem de recreio, embora Pilatos e Herodes habitem as mais lindas cidades do mundo.

Como compensação á tristeza que nos fazem estas pequeninas scenas de miseria, uma boa noticia recebemos, ha dias. Parece que existe em territorio portuguez da provincia de Lourenço Marques, um grande filão d'oiro capaz de rivalisar com os mais famosos do Transvaal. Já se constituiu sociedade para a sua exploração, de cuja direcção fazem parte alguns portuguezes residentes na cidade, onde houve, com a noticia, grandes manifestações de enthusiasmo.

Devemos porem não esquecer que Kruger dizia: «Tivemos a infelicidade de pertencer a uma terra cheia d'oiro nas suas entranhas» Lourenço Marques irá de novo despertar maiores cubiças, se assim for, e Deus nos não der maior porção de juizo. Já era tempo que se nos fizesse sentir sua misericordia a este respeito

Pobres boers! O grande mal foi esse effectivamente. Simples agricultores seriam felizes, não se estariam ainda a estas horas batendo como leões pela independencia de seus estados.

Os ultimos telegrammas recebidos fazem esperar que não terá grande demora a solução por que tão anciosamente se espera e que dará o socego a toda a Africa do Sul, ha já tantos annos em lucta.

Portugal de todas as nações neutraes é a que mais tem a lucrar com a paz de que tanto carece a provincia de Moçambique para sua prosperidade.

Tambem os soldados portuguezes tiveram agora, e mais d'uma vez, que marchar contra o inimigo. Felizmente os telegrammas annunciaram a costumada victoria. Tanto no Ambrizete como em Bissáo foram castigados os gentios rebeldes

Não ha duvida, que d'Africa não temos recebido n'estes ultimos annos maiores desgostos.

Nova expedição agora se prepara contra os teimosos inimigos de Moçambique O nome dos officiaes, que marcham para o Barué já de ante-mão nos assegura novas victorias.

Não são decerto estes factos motivo para desanimo, mas são horas de sol em dias sombrios; mais ainda para ser festejadas quanto é certo que egual fortuna não tem muito protegido ultimamente as nações européas envolvidas em lucta nas suas colonias. Verdade é de confessar que tambem o inimigo era mais terrivel. Mas nós só falavamos agora de fortuna.

O tempo passa e muita coisa esquece. A Hespanha mais pensa agora decerto na coroação de seu rei Affonso XIII do que nas luctas que sustentou inutilmente em Cuba e nas Philippinas

As festas serão solemnes e n'ellas, segundo se affirma, El-rei de Portugal far-se-ha representar por seu filho mais velho, o Principe real D. Luiz.

Para Hespanha partiu hontem Sua Magestade a Rainha D. Amelia que vae a Sevilha visitar sua mãe, a Sr.ª Condessa de Paris.

O tempo das differentes partidas para a provincia e estrangeiro não tarda a soar. Chegou o calor e os dias bonitos de Abril, que principiou, começam a tentar os que todos os annos vão gosar dos ares mais frescos do campo e das villas thermaes.

D'aqui a pouco, começam nos jornaes os annuncios dos hoteis da provincia, tentando os doentes que o são, os de scisma e até muitos que adoecem só para poder gosar de saude em passeios, bailes e pic nics.

Já de Lisboa poucas novidades se escrevem. Uma ou outra peça nova já não tem o condão de commover os amadores de theatro, cançados do longo inverno.

Só o Colyseu continua chamando a attenção com seu repertorio enorme e estreias de cantores.

Já tivemos duas toiradas. Dizem os aficionados que não prestaram. Assim está succedendo ha muito. Mas a esperança continua a levar muita gente, visto o velho dictado que os toiros são como as melancias. Não ha prognosticos possiveis. D'elles lá se vem a saber na praça; d'ellas só depois de abertas.

E até que esteja decidido o que deve fazer-se para maior brilho do quarto centenario do theatro portuguez, inaugurado por Gil Vicente com a representação do seu monologo dando parabens á rainha de Portugal pelo nascimento de D. João III, pouco mais de theatros teremos que falar.

Gil Vicente bem merece a consagração que se lhe prepara. Auctor dramatico dos maiores, predecessor dos grandes auctores castelhanos, que decerto com elle muito tiveram que aprender, lido no seu tempo e admirado pelas summidades européas, poeta lyrico e satyrico incomparavel, cheio de boa graça portugueza que tem em suas farças o melhor exemplar, commemorar-lhe, ainda que modestamente, o genio, é pagar uma divida sagrada.

E' preciso que a obra do primeiro poeta dramatico portuguez seja conhecida. Para isso ha muito se trabalha; muitos espiritos, em Portugal e lá fóra, teem consagrado muitas horas ao estudo da obra immortal do poeta comico.

Um de seus maiores admiradores foi Almeida Garrett. Com a coadjuvação de todos os que teem culto pela memoria do auctor do *Frei Luiz de Sousa* podemos agora contar na celebração projectada.

São dois nomes inseparaveis Garrett e Gil Vicente, porque o poeta da côrte d'El-rei D. Manuel inspirou o maior dos nossos dramaturgos em tempos modernos n'uma de suas melhores obras.

Se o *Auto de Gil Vicente* não vale os autos de Gil Vicente, não quer isso dizer que, depois do *Frei Luiz de Sousa*, não possam muitos com direito classificar essa obra como a melhor das com que o Visconde de Almeida Garrett ergueu muito alto a litteratura dramatica em Portugal.

Tambem a Garrett desejam agora muitos enthusiastas do seu talento pagar a divida que a nossa terra lhe deve.

Brevemente chegará o dia em que podemos commemorar o quinquagesimo anniversario da morte do que foi maior gloria do nosso theatro, um dos maiores do seculo que passou, na litteratura portugueza. Entre as homenagens que querem prestar á sua memoria, diz-se que será requerida a trasladação do seu cadaver para o pantheon dos Jeronymos.

Mais d'uma vez aqui falámos n'esse assumpto. Seja Garrett quem dê o exemplo, e nunca mais o pantheon se abra para receber quem em gloria não tenha entrado, confirmada por cincoenta annos de gratidão da patria.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

GUERRA NA AFRICA DO SUL
O commandante boer Delarey

O nome do commandante boer Delarey é sem duvida um dos mais prestigiosos na phase actual da guerra na Africa do Sul. Entre outros motivos para tal nomeada estão aquelle desastre memoravel de Maggersfontein e o do recente aprisionamento de lord Methuen, o general inglez que parecia destinado a ser vencido pelo valente commandante boer. Ainda outro motivo que torna n'esta occasião muito discutido o nome de Dalarey é o seu relatorio, agora publicado no *Daily Mail*, e que fôra enviado em janeiro ultimo ao presidente Kruger, no qual se referem as numerosas atrocidades dos invasores, affirmadas com provas e accusando os inglezes de collocarem mulheres boers em roda dos seus acampamentos a fim de protegel os contra os ataques das forças d'elle Delarey; parecendo que o numero de mulheres mortas por esta forma é consideravel.

Como é natural, este documento causou extraordinaria impressão pelas accusações nelle contidas, mórmente das diversas execuções commettidas pelos inglezes de mulheres e prisioneiros boers em julho, agosto e setembro do anno passado.

Delarey é um dos cinco generaes a cargo de quem está actualmente a campanha do Transvaal. Elle e Botha, Dewet, Benviljoen, e Smust são os verdadeiros deuses das batalhas, além de outros officiaes secundarios que se encontram sob as suas ordens. Cada um d'estes cinco valentes manobra á vontade, segundo a exigencias do momento, e tem a sua zona de operações dentro da qual é rei absoluto e senhor dos seus actos. D'aqui a apparente conformidade que parece haver entre todos elles.

E' bem suggestivo o perfil de Delarey, traçado por um ex-deputado inglez, sr. Arthur Lynch, que serviu nas fileiras republicanas, attrahido e deslumbrado pela valentia dos boers.

«Delarey — diz Lynch, como textualmente vimos publicado — tem um aspecto de lavrador velho; orça pelos seus cincoenta annos. Homem muito attento, reservado e pensativo; o homem das sabias combinações. Anda sempre mal vestido, e o rosto parece o d'um patriarcha dos tempos biblicos. Tem a barba já branca que emmoldura um rosto apergaminhado, é de cor trigueiro escuro... Olhos negros e acerados. Qualquer pessoa, ao vêl-o, dirá que este homem tem já perdida toda a sua vitalidade, menos a resolução de *pelejar até á morte*».

LOURENÇO MARQUES — AVENIDA AGUIAR

A rua designada com este nome deverá ser, quando guarnecida, d'um e outro lado, de edificações, uma das mais bonitas da parte nova de Lourenço Marques e das mais concorridas, como é já hoje, pois por ella se faz toda a communicação da cidade baixa, isto é, da cidade commercial, com o arrabalde, chamado villa, da Ponta Vermelha, onde teem geralmente estabelecido a sua residencia as pessoas que, ou pelas suas occupações ou pela escassez dos seus recursos, não são obrigadas a morar na cidade.

Este bairro da Ponta Vermelha, onde tambem se acham situadas as residencias do Governador Geral da Provincia, do Governador do Districto e a Secretaria do Governo Geral, tende cada vez mais a desenvolver-se e, portanto, cada vez será maior, como dissemos, a concorrencia pela Avenida Aguiar que, partindo da entrada da Ponta Vermelha, vae desembocar na Praça 7 de Março. Entre os edificios que já actualmente se encontram n'esta rua, destacam-se, como mais importantes, o do Club de Lourenço Marques e o da firma commercial Mendonça e Silva, aquelle construido de tijollo e este todo de ferro.

ROMEU E JULIETTA

Onde é que elles estão, Romeu e Julietta?... Suavissimo idyllio o d'aquelles pombos! Rolam, rolam...

Mas a dona da sombrinha onde está? Para quem foram colhidas aquellas flores?

Por algum canto do jardim, de sombras mais espessas, não andará ella rolando tambem com o seu Romeu?

Idyllios de pombos no banco de marmore, idyllios mais perigosos decerto na alameda mais afastada. Foram talvez os pombos que lhes deram o máo exemplo

Rolam .. rolam... E Romeu segreda á Julietta os versos novos que á noite esteve compondo, pensando n'ella.

Cantos de pombos, versos de poeta... Vem quasi a dar na mesma.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 837)

Graças aos esforços do engenheiro inspector dos incendios, Augusto Ferreira, á semelhança do que já havia sido feito em outros theatros, foram estabelecidas aberturas, com postigos e alçapões, de facil manobra, na cobertura da caixa do theatro de S. Carlos, para, no caso de incendio, darem rapida sahida ao fumo, com o fim de impedir que se produzam correntes de fumo e chammas, do palco scenico para a sala, como aquellas que em alguns incendios ateados em diversos theatros, tantos desastres e mortes teem causado. Taes postigos só devem ser abertos por occasião de sinistro.

Um facto que deve registar-se, é que o inspector dos incendios encontrou grande reluctancia para realisar este melhoramento, e que, em troca, teve de consentir que se introduzissem na plateia mais duas filas de fauteuils. Mais tarde, em 1901, ainda a empreza quiz introduzir mais filas de fauteuils, mas tendo reclamado contra tal pretensão o inspector dos incendios, o illustre engenheiro Antonio Maria de Avellar, o governador civil, conde de Sabrosa, não o consentiu.

Nesta occasião, a auctoridade superior do districto quebrou o tradicional costume dos seus antecessores; pois que as auctoridades superiores, technicas, administrativas ou policiaes, na maior parte das vezes, teem-se manifestado mais a favor dos emprezarios do que do publico, no theatro de S. Carlos.

A introducção de maior numero de filas de fauteuils, na plateia, representa um incommodo e desconforto para os espectadores, já tão apertados nas actuaes filas, e, além d'isso, augmenta o perigo, no caso de sinistro ou de panico, difficultando a sahida do publico.

1900-1901

Obras no theatro — Rebaixamento e alargamento do local da orchestra — Nova distribuição dos instrumentos — Effeitos da nova installação orchestral sobre a sonoridade — Diminue a intensidade ou força de sonoridade — Equilibram-se melhor os instrumentos de corda com os de latão, dissimulando se a fraqueza dos violoncellos — Mau effeito esthetico do poço da orchestra — Ganham, ficando mais desaffrontadas, as primeiras filas de cadeiras da plateia — É revogada a liberal disposição do governo de 1821, sendo supprimidas as galerias e substituidas pelas torrinhas de 1793, com consentimento da auctoridade e prejuizo do publico — Assignatura ordinaria e extraordinaria; grande concorrencia — Assignatura para concertos de dia — Companhia lyrica — Reportorio — Operas novas — *Tosca*, de Puccini — *Iris*, de Mascagni — *Resurrezione di Lazaro*, oratoria de Lorenzo Perosi — Profusão de cantores que passaram pela scena de S. Carlos; na maior parte eram já velhos conhecimentos do publico — Cantores em ruinas — O desfilar da opera lyrica parece uma empreitada — Má execução de algumas peças — Irregularidade dos espectaculos — A mesma peça umas vezes bem outras mal executada; os instrumentistas estafados ou aborrecidos; o maestro Goula nem sempre consegue ter mão nelles — A *mise-en-scene* — O reinado do papel e do aluguel — Mesquinhez na arte scenographica — A derrocada final da opera *Sansone e Dalila* e a hilaridade do publico — O carnaval em S. Carlos; quanto pagou o publico no theatro de S. Carlos, em 1901, para assistir a um charivari feito por elle proprio — Recitas fóra da assignatura — Morte do maestro Verdi — Recita em homenagem a Verdi — Concertos em S. Carlos — Beneficios — Operettas em portuguez em S. Carlos — *A boneca* de Audran — *Chateau Margaux* de Caballero — Morte do maestro Miguel Angelo Pereira — Morte do maestro Manuel Augusto Gaspar — O maestro Cunha Taborda — Concertos classicos no salão do Conservatorio — Os grandes lucros da empreza de S. Carlos despertam o appetite dos pretendentes a futuros emprezarios — Petição ao governo para que immediatamente ponha a concurso a adjudicação do theatro por meio de arrendamento — O governo não attende a petição — Apprehensão do jornal *A Nação* — Interpellação no parlamento — É adjudicado por mais tres annos o theatro de S. Carlos a José Pacini — A orchestra philarmonica de Berlin em S. Carlos: perfeição de execução — O maestro Nikisch — O distincto pianista Lambertini mostra, praticamente, como devia tocar uma orchestra em S. Carlos. Como é o theatro de S. Carlos de Lisboa um dos mais caros theatros da Europa — O emprezario do Colyseu dos Recreios. Antonio Santos, e os maestros portuguezes — *A Serrana*, de Keil, no Colyseu — *Dona Mecia* opera nova de Oscar da Silva, no Colyseu

Antes de começar a epocha lyrica de 1900-1901, houve no edificio do theatro de S. Carlos obras de reparação no telhado, e foi renovado o material do serviço de incendios, por conta do governo.

Tambem houve obras para o rebaixamento do local da orchestra, cuja installação foi alterada.

A séde da orchestra teve um rebaixamento de um metro, e um alargamento de meio metro para debaixo do palco scenico. A caixa harmonica sobre a qual assentava a orchestra, e que ficára fóra do seu logar, muito recuada, por ter sido, como dissémos em um trabalho anterior, avançada, ha annos, a orchestra, perto de dois metros, quando foi cortado o palco, para augmentar o numero de filas de cadeiras da plateia, foi tambem avançada e collocada no logar proprio, para a nova posição da orchestra.

A posição dos instrumentos na orchestra foi alterada, passando a ficar á esquerda do maestro todos os violinos, violetas e violoncellos, e á direita todos os instrumentos de vento, excepto as flautas, que ficaram ao centro, olhando para o maestro; junto á ribalta, com as caras olhando para o publico, ficaram todos os contra-baixos. Alguns instrumentistas, violetas, violinos e violoncellos ficaram quasi debaixo do palco, o que lhes abafava os sons.

Com a nova installação da orchestra, diminuiu a sonoridade, principalmente para os latões; mas no conjuncto, o effeito dos instrumentos de corda ficou mais equilibrado, isto é, ficou menos saliente a fraqueza dos instrumentos de corda, especialmente dos violoncellos, que são mui poucos, em relação á força dos instrumentos de metal.

O aspecto do recinto da orchestra, com a nova disposição, não brilhava pela esthetica; era muito feio; fazia lembrar a vista do tombadilho do navio na scena do 3.º acto da opera *Africana*. Lucraram muito, com o rebaixamento da orchestra, as primeiras filas da plateia, que ficaram com a vista muito desafrontada.

Uma innovação prejudicial ao publico, de recursos pecuniarios mais modestos, foi a suppressão das galerias e a sua substituição por seis torrinhas; sendo por esta occasião numerados alguns logares das varandas. Aquellas seis torrinhas existiam na primitiva, quando se inaugurou o theatro, e ainda conservam a antiga numeração; foi depois da revolução de 1820, que, para facultar maior numero de logares a espectadores menos abastados, foi tomada aquella benefica disposição, tirando as divisorias de seis torrinhas contiguas ás varandas, tres de cada lado, convertendo-as em galerias, onde depois foram collocadas tres filas de bancos em degraus; e assim durou esta installação até ao ultimo anno do seculo XIX, em que, na epocha 1900-1901, foram eliminadas as galerias e restauradas as torrinhas, sem que a auctoridade superior a isso obstasse, e sem levantar no publico qualquer manifestação contra essa medida anti-popular.

Para a producção de diversos effeitos de luz na scena mandou a empreza vir varios apparelhos electricos, sob a direcção do electricista do theatro da *Scala*, de Milano, Antonio Beretter; egualmente mandou vir sinos, no tom proprio, para a opera *Tosca*, da casa Ricordi, da mesma cidade.

Visitaram as obras que se fizeram no theatro de S. Carlos, no mez de dezembro de 1900, o ministro das obras publicas Manuel Francisco Vargas e o engenheiro Antonio Teixeira Judice.

Nesta epocha houve assignatura ordinaria de 50 recitas, e extraordinaria de 20 recitas, nas mesmas condições e pelos mesmos preços da epocha anterior, para a assignatura ordinaria, excluindo as galerias; e para a extraordinaria vigoravam os seguintes preços:

Frizas.....	cada recita	»	15$000
1.ª ordem.....	»	»	17$000
2.ª »	»	»	10$000
3.ª »	»	»	8$000
Torrinhas....	»	»	5$000
Plateia......	»	»	1$500

Os preços avulsos para qualquer recita ordinaria ou extraordinaria eram os seguintes:

Frizas..............	17$000
1.ª ordem............	21$000
2.ª »	12$000
3.ª »	9$000
Torrinhas............	6$000
Plateia..............	2$000
Varandas numeradas..	700
» sem numero..	600
Entrada no theatro.....	500

Era numerosa a companhia lyrica escripturada por José Pacini, para a estação theatral de 1900-1901; os nomes que continha o elenco, publicado pela empreza, davam para organisar quatro ou cinco companhias de canto; e no elencho ainda não figuravam todos que foram escripturados; assim não se via ali o nome da dama Celestina Boninsegna, que estava escripturada, mas não compareceu na occasião da partida, segundo affirmavam os jornaes italianos, apesar da empreza lhe dar passagem gratis de Genova para Lisboa, o que já se não faz, em viagens na Europa, para os artistas que não teem salarios muito resumidos, o que explica a profusão de cantores que passam como meteoros pela scena de S. Carlos, o que não succederia se a empreza tivesse de lhes pagar as passagens. Tambem não figurava no elencho a dama Inés Del Frate, que foi escripturada posteriormente.

Os artistas que realmente figuraram no theatro de S. Carlos, na epocha de 1900-1901, foram os seguintes:

Damas: Hariclée Darclée, Gemma Bellincioni, Matilde De-Lerma, Eugenia Mantelli De Angelis (meio soprano), Isabella Grassot, Giuseppina Giaconia, Inés Del Frate, Helena Theodorini, Maria Martelli, Angela Penchi, Maria Amedei (comprimaria).

Tenores: Antonio Ceppi, Giovanni Dimitresco, Giuseppe Pallet, Emilio De Marchi, Giuliano Biel, Edoardo Garbin, Primo Maini, Oswaldo De Genaro (comprimario), Luigi Fiesoli (comprimario).

Barytonos: Delfino Menotti, Giuseppe De Luca, Ricardo Stracciari, Marino Aineto.

Baixos: André Perelló, Giuseppe Torres de Luna, Roberto Tamanti (comprimario), Candella (comprimario).

Maestros: D. Juan Goula, Giuseppe Fatuo, Giuseppi Setti (dos córos).

Mestre de baile: Angelo Estella.

1.ª bailarina: Carlota Cavini.

Director de scena: Eugenio Salarich.

Scenographos, Amati e Magni; Guarda-roupa, Chiappa; aderecista, Rancati; electricista de scena, Beretter; Sinos, de Ricordi; todos de Milano; machinista, Vago Attilio; encarregado da illuminação, Pinto Bastos.

Subiram á scena, na epocha de 1900-1901, as seguintes operas:

Aida, de Verdi, em 19 de dezembro de 1900, por Matilde De Lerma, Eugenia Mantelli (e depois Inés Del Frate), Antonio Ceppi, Ricardo Stracciari, Giuseppe Torres de Luna, Oswaldo De Genaro, Roberto Tamanti.

Tannhaüser, de Wagner, em 21 de dezembro (primeira recita de assignatura extraordinaria), por Isabella Grassot (e depois Del Frate), Giuseppina Giaconia, Giovanni Dimitresco (e depois Ceppi), Delfino Menotti, Andrea Perelló, Primo Maini, Luigi Fiesoli, Tamanti, Candelia.

La Favorita, de Donizetti, em 22 de dezembro, por Mantelli, Maria Amedei, Giuseppe Palet, Giuseppe De Luca, Maini, Torres de Luna. Nos bailados desta opera debutou a bailarina Carlota Cavini.

Roberto il Diavolo, de Meyerbeer, em 27 de dezembro (2.ª recita de assignatura extraordinaria), por De Lerma, Grassot, Dimitresco, Perelló, Maini, Fiesoli, Candella, e a bailarina Carlota Cavini.

Norma, de Bellini, em 29 de dezembro (3.ª recita de assignatura extraordinaria), por Inés Del Frate, Mantelli (e depois Martelli), Amedei, Ceppi, Torres, De-Genaro.

Gioconda, de Ponchielli, em 3 de janeiro de 1901 (4.ª recita de assignatura extraordinaria), por Helena Theodorini (e depois Del Frate), Mantelli, Giaconia, Palet, Menotti (e depois De Luca), Perelló (e depois Torres de Luna), Tamanti, Candella, Fiesoli.

Otello, de Verdi, em 8 de janeiro, por De Lerma, Giaconia, Ceppi, Menotti, Torres, Maini, Candella, Fiesoli, Luigi.

Carmen, de Bizet, em 9 de janeiro (5.ª recita de assignatura extraordinaria), por Mantelli, Martelli, Giaconia, Amedei, Emilio De Marchi (e depois Giuliano Biel), De Luca, Tamanti, De Genaro, Candella, Fiesoli.

Gli Ugonotti, de Meyerbeer, em 19 de janeiro (6.ª recita de assignatura extraordinaria), por Hariclée Darclée, Martelli, Giaconia, Amedei, De-Marchi, Maini, Perelló, Menotti, De-Luca, Tamanti, De-Genaro, Candella, Fiesoli, Gabazzi.

Un ballo in maschera, de Verdi, em 21 de janeiro, em beneficio do Instituto Ultramarino, por De-Lerma, Martelli, Giaconia, Ceppi, De Luca, Torres, Tamanti, Candella, Fiesoli.

L'Africana, de Meyerbeer, em 22 de janeiro, por Angela Penchi, Grassot, Amedei, Giuliano Biel, Stracciari, Torres, Maini, Tamanti, Candella, Fiesoli.

Tosca, de Puccini, em 30 de janeiro (7.ª recita de assignatura extraordinaria), por Darclée (e depois Bellincioni), Giaconia, De-Marchi (e depois Garbin), Menotti, Stracciari, Maini, Tamanti, Candella. Repetiu-se esta opera na 8.ª recita de assignatura extraordinaria, em 1 de fevereiro, e na 9.ª recita de assignatura extraordinaria, em festa artistica de Hariclée Darclée, em 7 de fevereiro.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

O Real Theatro de S. Carlos

THEATRO DE SHAKESPEARE

No theatro a primeira figura que se apresenta a eclipsar todas as outras é a de William Shakespeare. Propriamente falando, não tem antecessores nem successores. Elle por si só constitue um theatro; mas de amplidão e magnitude taes, no tocante ao conhecimento da alma humana, que ainda não encontrou egual em nenhuma nação nem em tempo nenhum. Aquelle poderoso genio não se sente preso pelas cadeias da imitação; procura em si proprio a força dramatica, e acha-a varia e inexgotavel, e emprega-a com calor e impeto incomparaveis, sem cuidar do que fizeram gregos e romanos. A um espirito observador de extraordinario alcance, a uma sensibilidade privilegiada e a um sentimento poetico de primeira ordem, juntava Shakespeare a imaginação mais fecunda, mais flexivel e mais universal que nunca nenhum ente na terra possuiu. Era a sua faculdade soberana. Abarcava tudo aquelle engenho singular: o real e o ideal, o bom e o mau, o riso e o pranto, o material e o phantastico, o positivo e o abstracto, o terrestre e o divino, tudo elle comprehendia e expressava. Possuia, como ninguem, o segredo das paixões humanas, e não se contentava, como outros poetas esclarecidos, com a impressão superficial e, a bem dizer, poetica do movimento da vida; era eminentemente profundo e analytico, e penetrava sempre no coração para surprehender-lhe os mais reconditos impulsos. Reunia e amalgava, em maravilhoso conjuncto, os grandes instinctos do poeta, do historiador e do philosopho.

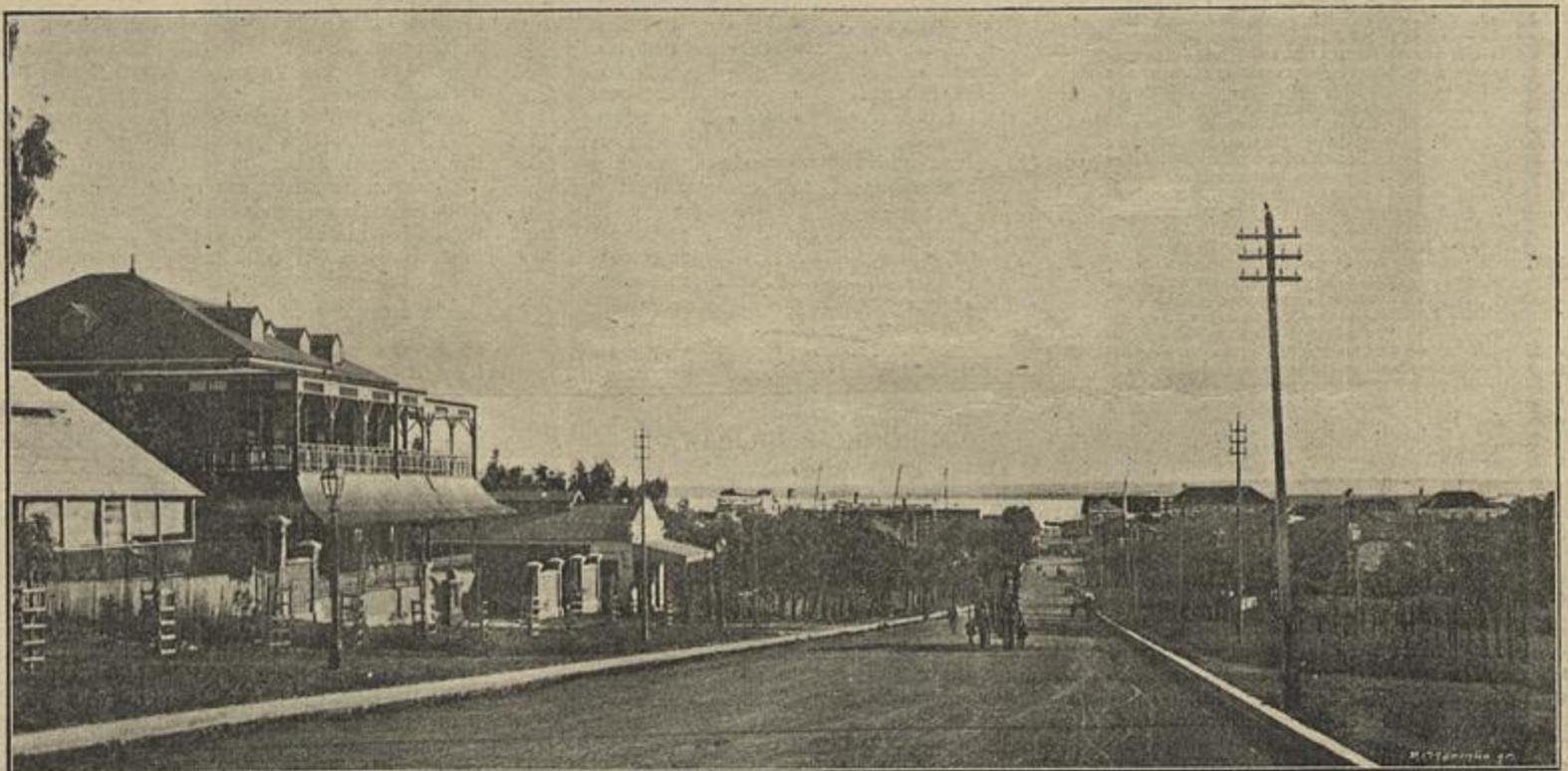
Teem-n'o accusado de dar nos seus quadros demasiado realce á preversidade humana. O facto não admitte duvida; mas a accusação é propria de uma crtica apoucada, esteril. Shakespeare não conhece meios termos; retrata com pincel vigoroso tanto a perversidade como a virtude, porque as suas figuras não são copias individuaes da vida commum: são emblemas dos affectos e das paixões dos homens; e estes emblemas devem ser pintados com grandeza e chegar ás consequencias extremas dos moveis decisivos das acções humanas. N'isto coincide Shakespeare, sem sabel-o, com o theatro grego, que tudo engrandece, elevando o mau e o bom a uma esphera ideal.

MAESTRO GOULA

Os crimes das personagens de Shakespeare são gigantes, porque gigantes são as concepções d'este grande homem. Shakespeare bebera, em vicissitudes desventuradas e humilhantes, o fel da vida, e em geral propendia a considerar a humanidade sob um aspecto extremamente severo e sombrio. Iago e Ricardo III são o ideal da maldade; mas quão odiosos elle os apresenta! N'este ponto quão distante está Shakespeare dos escriptores modernos! de Byron, por exemplo, que se compraz em revestir D. João, Caim, Sardanapalo e outras personagens perversas, de certo verniz de falsa grandeza. Este afan de crear *criminosos sublimes*, que por desgraça se encontram em muitos dos nossos romances vulgares, monstruosas apotheoses de bandoleiros sanguinarios, não cabia no entendimento são de Shakespeare. Tortura ás vezes, sem a minima consideração, a alma e os olhos com os espectaculos mais horrendos; mas fal-o, buscando n'isso a licção moral. Os seus delinquentes são na scena o que devem ser: verdadeiros delinquentes, repugnantes desalmados.

Que importa que no theatro a perversidade manifeste todo o seu poder e tire a mascara a todos os seus segredos, se o poeta logra com isso inspirar aversão e espanto ao espectador? Até as mulheres dos dramas de Shakespeare causam indizivel horror, quando elle as desenha dominadas por instinctos abominaveis. Goneril, lady Macbeth, Cressida, são quadros magistraes de depravação feminil. Shakespeare não se contenta, como quasi todos os escriptores dramaticos, com esboçar os effeitos das paixões ruins, pinta-lhes os reveses, a força progressiva que corroe e tyramniza o coração, e acaba por apresentar as suas desastrosas resultas como consequencias logicas dos desvios da alma. Este é o alto ensino moral da scena, e em tal ensino ninguem se avantaja ao dramaturgo inglez.

Quando, ao contrario, quer mostrar o aspecto nobre, puro e risonho da humanidade, quem, como elle, sabe desenhar typos de gloria, de virtude, de grandeza moral? João de Gaunt é um modelo veneravel da lealdade de um cavalleiro, comparavel aos do theatro da peninsula, fertil e copioso campo de virtudes cavalleirosas; Ricardo II, corrigido, na dura eschola do infortunio, das suas loucuras juvenis, é um dos caracteres mais nobres e levantados que pode offerecer a historia das perturbações politicas dos Estados. Possuidor da alta idéa de que, embora desenthronizado, deve manter intacta a majestade dos monarchas, vê na sua pessoa, mais que um homem, uma instituição sagrada, e este sentimento infunde-lhe no animo uma fortaleza sublime que o impede de manchar no mais minimo o seu caracter augusto e indelevel. Mas a figura de Henrique V eclipsa em arrojo, lealdade e cortezia todas as outras. E' um modelo de monarchas, adais e cavalleiros.

Nos caracteres de mulher chega o genio de Shakespeare á mais elevada perfeição. Este *Titan* da tragedia, como lhe chama a Allemanha moderna, este grande poeta que, sem contemplação

LOURENÇO MARQUES — AVENIDA AGUIAR

com a parte melindrosa do publico, leva até a evidencia a pintura do crime nas almas desenfreadas, retrata as mulheres innocentes e puras com uma delicadeza a que ainda não chegou nenhum escriptor dramatico. Não são as *viragos* politicas de Corneille; são mulheres verdadeiras, com o seu encanto, com a sua irreflexão e affectos ardentes. Desdemona, Viola, Miranda, Cordelia, Julieta, Virgilia, Imogenes, que coro de anjos! Todas estas mulheres são differentes; apenas se assemelham na candura, na fidelidade, no amor a Deus e aos seus deveres, na nobreza dos sentimentos, n'esse encanto indefinivel da mulher honrada, que Shakespeare sentia com fervor intenso.

O espirito christão e cavalleiroso da edade média, que n'este ponto contrasta abertamente com a civilização pagã, idealizara o amor e convertera este sentimento em um mixto de affecto humano e veneração divina. Shakespeare vivia em um tempo em que se não haviam entibiado ainda aquellas mysticas tendencias, que grandemente quadravam com a indole genial do poeta. Não abhorrecia as mulheres, como Euripides. «O amor é o meu unico peccado», dizia elle donairosamente; e a perfeição ideal d'aquellas celestiaes figuras demonstra que levava até o extase a delicada ternura e a especie de adoração que lhes consagrava.

Francisco de Almeida.

UM ROMEU E JULIETTA

O FRASCO DE PRATA

POR

Eugène Berthoud

(Continuado do numero antecedente)

O Conde, que repentinamente entristeceu, soltou um suspiro involuntario.

— Amor! disse com um olhar furtivo para o retrato. Amor!... repetiu. Não... ninguem!

— Matando-se, está bem certo de que não leva muito longe esse paradoxo da sua fantasia ociosa?

— Sim, disse Octavio, estou certo. Para dizer a verdade, sei que a torto e a direito dei cabo da vida. Que lhe hei de fazer agora? Tenho... ou, para melhor dizer, tinha tão vasios coração e cerebro! N'estas condições um homem depressa fica estupido. Antes abalar.

— «Tinha» disse. Bem vê que ama agora.

— Sei lá! E d'ahi, essa mulher não me tem amor, não póde nem deve amar-me.

— É casada?

Octavio córou ligeiramente.

— Com um homem a todos os respeitos digno do seu affecto e sua estima.

Lord Weymouth baixou a cabeça.

— Então dê cabo de si, tem talvez razão, continuou depois d'um silencio. É preciso que a existencia tenha um fim, senão tornou-se impossivel. Quando esse alvo é o amor, quando se jogou futuro e passado sobre uma carta fragil que se chama o affecto d'uma mulher, e quando se viu afundar-se n'um mesmo instante alvo e esperanças, o melhor partido a tomar é esse — morrer.

— Será a sua historia? exclamou Octavio apertando-lhe a mão.

— É, disse o inglez. E olhe, Conde, accrescentou batendo no peito, tenho aqui um segredo que me pesa, um pensamento que me roe... Quero dizer-lhe tudo, que até talvez me alivie... Ainda que ria de mim e me julgue doido.

E, escondendo o rosto nas mãos, continuou em voz quasi baixa:

— Conde, tambem eu adoro uma mulher até á idolatria, até ao delirio! Adoro-a com a energia selvagem d'uma ultima paixão .. Adoro-a até immolar-me por ella. É coisa estupida e ridicula, não é? É para um homem encolher os hombros de compaixão, que na minha edade se imponha o fardo do seu amor a uma linda criatura radiante de seiva e de mocidade .. Porque esta mulher é a minha, confesso lh'o e mais ninguem deve sabel-o, porque o Conde vai morrer e não ha mais seguro confidente do que um moribundo.

Ouvindo estas palavras, Octavio experimentou uma sensação singular. Foi uma mistura de odio e de ciume; cobriu-se-lhe o rosto d'um ligeiro suor e respondeu com um sorriso forçado:

— Agora é o mylord que não está no seu bom senso. O que ha ridiculo ou desgraçado no amor d'um homem á sua mulher? Não creio que deixe levar-se por brincadeiras mais ou menos sem graça que a tal respeito possam fazer-se, e se, como aliás não duvido, o seu amor é partilhado...

— Não me ama, interrompeu Lord Weymouth, e ama outro.

— Ella! exclamou Octavio estremecendo. É impossivel!

— Tenho provas.

N'este momento, se lord Weymouth não estivesse tão absorvido pela dôr, teria visto agitar-se violentamente um dos reposteiros de velludo que fechavam a sala.

— Não pode, continuou, comprehender que força é precisa, que coragem, para comprimir assim tanto amor e o ciume crudelissimo. Não quero, é certo, descer até á mais degradante espionagem, mas, mão grado meu, cada rosto novo que me entra n'esta casa, interrogo-lhe avidamente a physionomia, interpreto palavras, em simples relancear de olhos; e, sob esta mascara de fria impassibilidade, soffro torturas sem nome, entre mim dizendo: talvez seja este!

— É horrivel! disse Octavio.

— Tão horrivel, que estou farto de soffrer... E o que ella deve aborrecer-me! quanto deve detestar o homem que lhe tem presos o coração e a mocidade! Ah! quando eu já não fôr d'este mundo, talvez ella me conceda uma saudade piedosa. . e este pensamento me consola.

— Assim, disse Octavio, deixa o campo livre a sua mulher, que cobardemente o engana? Deixa a vida sem vingar-se, sem castigar os culpados?

— O unico culpado sou eu, disse Lord Weymouth com um sorriso triste. Emma tem vinte e cinco annos e eu tenho quarenta e cinco.

Depois d'um instante, continuou, com a voz cheia de lagrimas:

— O dia em que, pela primeira vez, a encontrei serena, sonhadora, pura como uma virgem de Rafael e, como esta, na fronte um ninho de radiante castidade... o dia em que eu, diplomata sceptico, prematuramente envelhecido, senti subir em meu peito a paixão profunda, silenciosa, implacavel... o dia em que eu contei quantos annos me separavam d'ella... n'esse dia deveria a mim mesmo ter feito justiça, sahindo d'esta vida. Mas não, quiz escangalhar seu futuro de mocidade. Egoista, amarrei aquelle coração ingenuo e perfumado de esperanças ao meu velho coração, cançado, rasgado pelas cicatrizes... Amarrei a um cadaver um corpo vivo e fiz dois desgraçados.

Octavio já nada ouvia. Um pensamento, que ao mesmo tempo lhe afagava amor e vaidade, surgiu lhe n'aquelle instante. Se eu sou quem ella ama! dizia comsigo. E a supposição, que nada tinha de improvavel, ao lembrar-se das mysteriosas noites de Fontainebleau, trazia-lhe aos labios um sorriso.

— Emma era pobre, continuou Lord Weymouth, e eu sou rico. Esperei que, á força de lhe fazer na vida desabrochar todos os prazeres do luxo, conseguiria depois afogar-lhe as exigencias da alma; tanto mais que ella me parecia fria, ajuizada, pouco exaltada; seu genio, pouco dado a romances, socegou-me; obtive a de sua mãe e, quando, pallido e quasi a desmaiar de felicidade, lhe perguntei se ella julgava poder amar-me um dia: — Sim, me respondeu ella, com seu lindo olhar tão sincero; hei de amal-o como a um pae!

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

A meteorologia em Lisboa

Dias em que o thermometro accusou minimos de 5°

1880-1901

(Continuado do n.° 837)

1887-1888

21 Dezembro	Min : 4°,8	23 Dezembro	Min.: 3°,8	24 Dezembro	Min.: 2°,4	25 Dezembro	Min.: -0°,4
26 »	» 3°,1	11 Janeiro	» 3°,9	12 Janeiro	» 3°,2	13 Janeiro	» 3°,4
14 Janeiro	» 2°,7	15 »	» 0°,1	16 »	» 4°,4	21 »	» 4°,2
30 »	» 3°,0	31 »	» 1°,6	1 Fevereiro	» 3°,0	2 Fevereiro	» 1°,5
3 Fevereiro	» 5°,0	5 Fevereiro	» 5°,0	6 »	» 4°,0	7 »	» 4°,0
11 »	» 5°,0	15 »	» 4°,1	16 »	» 3°,4	17 »	» 3°,8
20 »	» 4°,0	22 »	» 4°,5	23 »	» 4°,6	26 »	» 4°,3
27 »	» 4°,7	28 »	» 3°,1	29 »	» 3°,3	1 Março	» 4°,6
21 Março	» 3°,3						

1888-1889

2 Dezembro	Min : 5°,0	3 Dezembro	Min.: 4°,5	5 Janeiro	Min.: 3°,8	6 Janeiro	Min.: 3°,1
15 Janeiro	» 4°,6	22 Janeiro	» 4°,7	23 »	» 3°,2	24 »	» 3°,1
25 »	» 2°,6	26 »	» 2°,3	27 »	» 2°,7	28 »	» 2°,4
5 Fevereiro	» 3°,2	6 Fevereiro	» 1°,3	7 Fevereiro	» 4°,2	13 Fevereiro	» 4°,5
13 Março	» 5°,0						

1889-1890

29 Novembro	Min.: 4°,4	30 Novembro	Min.: 1°,4	7 Dezembro	Min.: 4°,2	10 Dezembro	Min.: 3°,8
13 Dezembro	» 4°,3	17 Dezembro	» 4°,7	18 »	» 3°,7	19 »	» 3°,7
22 »	» 3°,8	27 »	» 3°,6	29 »	» 2°,8	30 »	» 4°,2
31 »	» 3°,1	1 Janeiro	» 3°,2	2 Janeiro	» 3°,1	9 Janeiro	» 4°,8
6 Fevereiro	» 4°,8	7 Fevereiro	» 3°,8	8 Fevereiro	» 3°,7	9 Fevereiro	» 3°,5
11 »	» 5°,0	19 »	» 4°,6	28 »	» 4°,8	1 Março	» 2°,2
2 Março	» 1°,1	3 Março	» 4°,3	4 Março	» 1°,3	5 »	» 3°,5

1890-1891

27 Novembro	Min.: 3°,7	28 Novembro	Min.: 1°,2	29 Novembro	Min : 2°,7	30 Novembro	Min.: 1°,5
1 Dezembro	» 4°,7	25 Dezembro	» 2°,6	26 Dezembro	» 4°,1	27 Dezembro	» 2°,7
28 »	» 2°,4	6 Janeiro	» 4°,0	7 Janeiro	» 1°,2	8 Janeiro	» 1°,1
10 Janeiro	» 3°,3	11 »	» 1°,8	12 »	» 2°,4	13 »	» 3°,8
14 »	» 3°,6	15 »	» 3°,8	16 »	» 3°,2	18 »	» 2°,2
19 »	» -1°,0	20 »	» 0°,2	21 »	» 4°,6	24 »	» 2°,0
25 »	» 4°,6	7 Fevereiro	» 3°,6	10 Fevereiro	» 4°,8	11 Fevereiro	» 4°,8
16 Fevereiro	» 4°,5	19 »	» 5°,0				

1891-1892

18 Dezembro	Min.: 4°,9	19 Dezembro	Min.: 2°,1	22 Dezembro	Min.: 4°,0	24 Dezembro	Min.: 4°,7
26 »	» 4°,9	29 »	» 4°,5	1 Janeiro	» 4°,0	6 Janeiro	» 3°,8
7 Janeiro	» 2°,5	9 Janeiro	» 5°,0	16 »	» 4°,0		

1892-1893

7 Dezembro	Min.: 4°,6	11 Dezembro	Min : 4°,3	29 Dezembro	Min.: 3°,3	30 Dezembro	Min.: 3°,2
3 Janeiro	» 4°,1	4 Janeiro	» 4°,8	5 Janeiro	» 4°,1	6 Janeiro	» 3°,8
13 »	» 4°,1	16 »	» 3°,0	23 »	» 4°,4	24 »	» 2°,4
25 »	» 1°,9	26 »	» 4°,9				

1893-1894

24 Novembro	Min : 4°,5	30 Novembro	Min.: 5°,0	28 Dezembro	Min.: 2°,7	29 Dezembro	Min : 3°,4
30 Dezembro	» 5°,0	1 Janeiro	» 4°,9	2 Janeiro	» 3°,5	3 Janeiro	» 1°3
4 Janeiro	» 0°,5	5 »	» 4°,7	6 »	» 4°,1	7 »	» 5°,0
24 »	» 1°,8	25 »	» 4°,9	1 Fevereiro	» 4°,8	2 Fevereiro	» 4°,9
11 Fevereiro	» 4°,9	27 Fevereiro	» 4°,9	20 Março	» 4°,9		

1894-1895

5 Janeiro	Min.: 4°,8	7 Janeiro	Min : 4°,2	8 Janeiro	Min.: 3°,3	27 Janeiro	Min.: 5°,0
28 »	» 4°,9	31 »	» 3°,1	1 Fevereiro	» 0°,9	5 Março	» 4°,8

1895-1896

10 Janeiro	Min.: 4°,2	11 Janeiro	Min : 2°,0	12 Janeiro	Min.: 0°,5	13 Janeiro	Min.: 3°,3
14 »	» 3,°6	27 »	» 4°,8	9 Fevereiro	» 4°,9		

1896-1897

25 Novembro	Min.: 4°,7	22 Dezembro	Min.: 3°,0	2 Janeiro	Min.: 4°,6	3 Janeiro	Min.: 4°,4
4 Janeiro	» 2°,9	5 Janeiro	» 4°,4	23 »	» 3°,9	24 »	» 3°,0
25 »	» 2°,4	26 »	» 3°,7	29 »	» 4°,6	30 »	» 4°,7

1897-1898

23 Janeiro	Min.: 5°,0	24 Janeiro	Min.: 4°,3	25 Janeiro	Min : 3°,4	26 Janeiro	Min : 4°,1
25 Fevereiro	» 4°,7	4 Março	» 4°,9	9 Março	» 4°,5	27 Março	» 4°,9

1898-1899

6 Dezembro	Min : 5°,0	23 Dezembro	Min.: 4°,9	26 Dezembro	Min : 5°,0	27 Dezembro	Min.: 3°,7
15 Janeiro	» 2°,9	23 Janeiro	» 4°,4				

1899-1900

20 Dezembro	Min.: 4°,7	27 Dezembro	Min.: 3°,9	9 Janeiro	Min. 4°,9	10 Janeiro	Min.: 4°,8
12 Janeiro	» 4°,9	19 Janeiro	» 4°,3	20 »	» 2°,8	21 »	» 3°,6

1900-1901

2 Janeiro	Min.: 4°,9	5 Janeiro	Min : 4°,2	6 Janeiro	Min.: 4°,2	7 Janeiro	Min.: 3°,8
31 »	» 2°,7	1 Fevereiro	» 4°,8	2 Fevereiro	» 4°,3	7 Fevereiro	» 4°,2
8 Fevereiro	» 2°,8	9 »	» 3°,9	15 »	» 3°,5	16 »	» 1°,2
17 »	» 0°,8	18 »	» 4°,5	19 »	» 2°,1	22 »	» 2°,8
23 »	» 2°,3	25 »	» 5°,0				

Novembro e Dezembro 1901

11 Novembro	Min.: 4°,3	25 Novembro	Min.: 2°,3	26 Novembro	Min.: 3°,7	27 Novembro	Min.: 3°,7
29 »	» 4°,5	15 Dezembro	» 1°,9	16 Dezembro	» 4°,6	17 Dezembro	» 5°,0
18 Dezembro	» 4°,9						

(Continúa)

Antonio A. O. Machado.

Lord Weymouth levantou-se, e, contemplando o retrato da mulher, murmurou, com duas lagrimas a brilharem-lhe nos olhos:

— Vingar-me de ti, querida filha! Porquê? porque cumpriste a tua promessa? Porque assim como a um pae me deste o teu respeito e o teu affecto? Porque em outro achaste o que me falta, mocidade, belleza, poesia? Querida filha, pois não basta, para teu castigo? Oppresso teu coração, na fria realidade do teu dever, a toda a hora verte sangue, por minha culpa! Mas não quero aceitar teu sacrificio, esfrangalhou se-me o sonho, acórdo, ámanhã estarás livre, e poderás, sem córar e de cabeça levantada, pedires o apoio do homem que tua alma escolheu.

Ouviu-se um soluço, e, tendo-se afastado o reposteiro, uma mulher atirou-se para os braços de Lord Weymouth.

— Jorge! disse em voz entrecortada, é pois verdade que querias deixar-me... matar-te... Cruel, que mal te fiz?

— Emma! exclamou Lord Weymouth, aterrado.

— É ella! murmurou Octavio.

— Estava á escuta! continuou o inglez, em tom que quasi tornou severo.

Mas, com os beijos da mulher, tremia como folha com o vento.

— Sim, disse elle, vinha... já não sei... trazia-te uma boa nova... creio que sei... e ouvi tudo!

E, encostando a cabeça loira ao hombro do marido, continuou:

— Tudo ouvi, e agora sei, meu Jorge, até que ponto me estimas! O teu silencio, o aspecto reservado, a tristeza, que eu cuidava serem falta de affecto . eram mais uma delicadeza do teu coração, em desconfiar de ti mesmo, em temer que teu amor me importunasse! E eu que te accusava pela tua frieza e deixava o ciume apoderar-se de mim!

— Pois é certo que me amas? exclamou Lord Weymouth, cheio de felicidade e cuidando sonhar.

— Se te amo! E porque não havia de amar-te? Não és, dizias ha pouco, nem novo bastante, nem formoso, nem poeta, para seres amado... Mas olha para ti! A tua testa, alta e pura, os olhos cheios de fogo, teu rosto, em que a luz clara, briosa, e a um tempo terna e docil, até sem que elle o queira, irradia, meu Jorge! Pois não é isso força de mocidade, verdadeira belleza, a divina poesia?... Amo-te e orgulho-me do meu amor, não já como irmã dedicada, ou filha respeitosa!... Amo-te com todo o santo e ardente amor de uma esposa, de uma amante!

— Dirás verdade, meu Deus! balbuciou Lord Weymouth, apertando nos braços a mulher, com delirante alegria.

E, durante um instante, só se ouviu o murmurio de seus beijos e de seus soluços, que se confundiam.

IV

ONDE FINALMENTE APPARECE O TAL FRASCO DE PRATA

Octavio, força é dizel-o, estava bastante atrapalhado. Não se atrevia a levantar-se, nem a falar, nem a ficar immovel.

Marido e mulher, tinham o esquecido, perdidos num paraizo de felicidade. Mas elle é que se achava infeliz e deslocado entre elles. Em frente d'aquellas expansões do coração, innundações que tudo alagam com a impetuosidade d'uma onda por muito tempo represada, os diques da conveniencia, do egoismo e dos preconceitos, um terceiro indifferente é sempre ridiculo.

A tão natural contrariedade juntava-se, no Conde, uma dôr occulta. Aquella graciosissima rapariga, que ali via, prodigalisando a outro os thesoiros da sua delicada ternura, era a mesma elegante visão que se debruçára sobre o seu leito de enfermo, que o refrescára em suas noites de febre... Assim se desvanecia o sonho adorado no instante em que ia lançar-lhe a mão!

Encheu se-lhe o coração de amargura e de novo teve pena de não ser um cadaver que o vento baloiçasse.

De repente, Lord Weymouth, voltando a si, empallideceu e, devagarinho, empurrou a mulher.

— Estou doido! disse com voz horrivelmente alterada. Ia quasi acreditando, como creança, o que o dever, talvez um bocadinho de dó, lhe inspiravam! Agradeço-lhe a sua compaixão, Emma, e perdôe-me um instante de fraqueza.

— O dever? O dó? repetiu a mulher com espanto. Que quer dizer? Falei-lhe de affecto, de ternura...

— De quem gosta não é de mim, interrompeu Lord Weymouth... Baldado cuidado querer enganar-me.

— Ah! disse ella, erguendo-se com altivez. Tinha-me effectivamente esquecido da injuria. Foi crueldade relembral-a.

(Continúa).

METEOROLOGIA

Março e Abril de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céo	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
31	760,0	27,9-16,2	Nublado	NNE	0,0
1	756,4	17,2-13,4	Encob.	S	0,0
2	757,3	15,4-13,3	Nublado	SSW	3,3
3	759,1	18,2-14,1	»	ESE	4,9
4	762,4	22,9-13,5	P. Nublado	NNE	0,0
5	760,0	19,6-14,0	Nublado	SSE	4,6
6	761,9	19,2-12,8	»	NNW	0,0
7	764,4	17,2-11,8	»	WNW	0,0
8	762,5	18,0-11,5	P. Nublado	N	0,0
9	757,2	17,3-11,1	Nublado	NNW	0,0
10	756,4	15,5-11,2	»	»	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

Foi, o dia 31 de Março, o mais quente de todo o mez, excedendo de muito o normal. As maximas em Portugal n'este dia, foram de 31° em Vendas-Novas — 30°, 1 em Coimbra — 30°, em Beja — 29°, em Regoa e 28°, em Evora e Campo Maior.

Grande diminuição de temperatura, em 1 de Abril acompanhado de chuvas, e trovoadas, com vento predominante do quadrante SE. Em 4, a trovoada em Lisboa, fez-se sentir das onze horas da noute até cerca da uma hora da madrugada.

De 6 até 9 o tempo conservou-se nublado sem chuva, e vento do quadrante NW — Chuvoso em 10.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

XXV

Na acreditada publicação «*Photo-Era*» de especialidade no assumpto, Watherhouse indica a vantagem de, nos reveladores de hydroquinone e iconogenio, substituir o carbonato de potassa pelo borax, obtendo-se, d'esta forma, com que os reveladores se conservem por um espaço de tempo muito maior, evitando-se, além d'isso a juncção do brometo, com o fim de se obter os negros transparentes.

Os banhos a empregar devem ser os seguintes:

Para o de hydroquinone.

Agua	1000 gr.
Sulphito de Soda	100 »
Borax	30 »
Hydroquinone	10 »

Para o de iconogenio:

Agua	1000 gr.
Sulphito de Soda	100 »
Borax	25 »
Iconogenio	10 »

XXVI

Eis uma formula de um novo banho para entoação e fixação, recommendado pelo Dr. Vagne o qual tem, sobre os outros a vantagem, além de apresentar reacção alkalina, de não precipitar o enxofre, como succede na maior parte dos banhos destinados ao mesmo fim, oblendo-se assim maior duração das viragens.

O composto é o seguinte:

Agua	a 1000 ^{cm3}
Hyposulphito de Soda	200 gr.
Acetato de soda	20 »
Acetato de chumbo	15 »
Solução de chloreto de ouro a $1/_{100}$	50 ^{cm3}

A entoação é rapida. obtendo-se facilmente, tons violetas e negro azulado.

G. MARCONI

Inventor da telegraphia sem fios

Já, n'esta revista, tivemos occasião de nos referirmos a uma das maiores descobertas do seculo XIX, e, sem duvida a mais importante d'estes ultimos annos.

A telegraphia sem fios veiu, com effeito, dar um grande avanço, no progresso da Sciencia Moderna.

Devemos a G. Marconi, illustre physico italiano a quem hoje prestamos justa homenagem publicando-lhe o seu retrato, esta notavel descoberta.

Partindo do principio de que a electricidade, da mesma fórma que o calor, a luz e o som, se propaga no espaço em ondas que, por esse facto, se denominavam *ondas electricas*, G. Marconi imaginou a applicação d'esse phenomeno á telegraphia sem fios.

Não repetiremos o que já, n'esta revista, tivemos ensejo de escrever; no entanto, indicaremos, summariamente, sobre que Marconi se baseiou para chegar ao brilhante resultado das suas experiencias.

O systhema de transmissão de signaes atravez do espaço comprehende um transmissor que emitte as ondas electricas e um receptor que as recolhe e as transforme em signaes identicos aos de Morse.

O transmissor de Marconi é constituido por uma bobine de inducção cujo circuito primario recebe interruptamente, por meio de uma alavanca de Morse, K, a corrente fornecida por uma bateria de pilhas ou accumuladores E, estando o circuito secundario ligado a um radiador de Hertz, a qual tem por fim produzir as descargas oscillantes da corrente secundaria induzida pela corrente primaria.

O radiador de Hertz consta de duas espheras de latão, isoladas electricamente uma da outra, e nas quaes, os dois hemispherios, que olham um para o outro, se acham emergidos em vazelina.

Estabelecendo-se a corrente primaria e durante a sua interrupção, as forças electro-motrises d'inducção desenvolvidas na corrente secundaria, produzem uma descarga oscillante manifestada por uma serie de faiscas entre as espheras.

N'esta occasião, produzem-se, no espaço, ondulações.

O comprimento e a frequencia d'estas ondas electricas são reguladas pela proporção do radiador. Produzidas as ondas é necessario recolhel-as.

O receptor de Marconi consta de um pequeno tubo de vidro *d*, onde se encontram dois cylindros conductores de prata, separados um do outro, cerca de meio millimetro, por meio de uma mistura de limalha de nikel e prata e algumas gottas de mercurio O tubo é hermeticamente fechado, fazendo parte de um circuito completado por uma pilha e um *relais* telegraphico sensivel.

Bobines de inducção L, L' acham-se dispostas no circuito da pilha P, afim de oppôr uma grande resistencia apparente ás ondas electricas que veem ferir o apparelho.

Um pequeno martello vibrando junto do tubo produz um som, e é esse som que nos vae fornecer os signaes telegraphicos

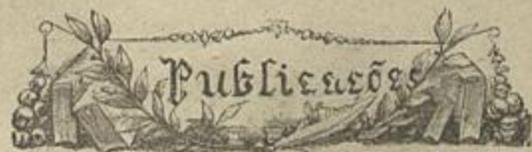
O tubo é terminado por duas peças V, V' cujas dimensões estão calculadas de fórma a regular electricamente o transmissor e receptor.

As bobines L, L' oppõe-se á passagem das ondas electricas fóra do tubo.

A corrente da pilha actua no *relais* R que fecha e abre o circuito de uma pilha local, sobre o electroiman E, que faz vibrar o martello, actuando a corrente sobre a limalha.

Tal é, nos seus traços geraes, o systhema de Marconi. Este processo tem dado optimos resultados até 15 kilometros de distancia.

As intemperies das estações parecem não ter influencia alguma sobre a transmissão dos signaes visto que as ondas electricas se propagam da mesma fórma no espaço, em occasiões de chuvas, nevoeiros, trovões, etc.

Antonio A. O. Machado.

Recebemos e agradecemos:

Livro de ouro da nobreza de Portugal *por P. Ferreira e E. de Azevedo — Vol. I — Editor Paulo*

MARCONI — INVENTOR DA TELEGRAPHIA SEM FIOS

de Neufville, Calçada do Combro, n.º 54 — Lisboa, 1902.

A sciencia heraldica tem, entre nós, um limitadissimo numero de cultores. Mais feliz a genealogia conta illustrados investigadores, que de vez em quando affirmam o seu labor com publicações que raro entram no commercio, por serem ou de interesse particular ou quererem os auctores furtar-se á critica. Nem de outro modo se comprehende certas tiragens de cem ou menor numero de exemplares de trabalhos relativamente importantes, dignos de geral leitura e de fructuosa consulta.

Muito a sós com a sua sabedoria esses escabichadores acodem com o fructo do seu estudo para demonstrarem erros, ás vezes insignificantes, sem que notem que elles, com a sua especie de egoismo, guardando muito para si os elementos adquiridos, contribuiram para a ignorancia que apontam jubilosos. Com a sciencia heraldica succede outro tanto, com o aggravamento de que nada se tem publicado. Quem deseja estudar o assumpto recorre ao patriarcha da

FIG. 1

especialidade, ao methodo do padre Menestrier, á sciencia heroica do hespanhol Avilés, ou ao artigo respectivo do monumental diccionario universal de Henrique Zeferino.

Limitados a taes fontes os estudiosos e os curiosos sobre cousas heraldicas teem agora a bemdizer e a louvar o trabalho de que temos presente o primeiro fasciculo devido a dois armidouctos srs. Paulo Ferreira e E. de Azevedo, que tão distinctamente se abalançaram a preencher a lacuna.

O *Livro de ouro da nobreza de Portugal* é nitidamente impresso em magnifico papel, enriquecido de chromos, e começa por um lucido tratado do brazão, em que os auctores consubstanciaram os elementos necessarios para bem comprehender as armarias e as peças que as compõem.

A obra é dedicada a S. Magestade El-rei, como primeiro fidalgo do paiz, e abre com duas palavras de um mestre no assumpto sr. Visconde de Sanches de Baena, que nellas frisa bem a importancia da iniciativa e faz os merecidos votos para que o futuro da obra seja tão auspicioso como innegavel é a sua importancia.

Com a maior sinceridade acompanhamos o illustre genealogista nos seus votos.

Descendo — *Typographia França Amado — Coimbra — 1901.*

Por amavel offerecimento do esclarecido editor temos presente este livro de versos do sr. João Lucio.

Descendo alcançou da critica illustrada lisongeira apreciação, assaz merecida porque o poeta canta a luz, toda a natureza, em bellos versos, com formosissimas imagens e arrojados vôos de imaginação.

Ha em todo o livro uma accentuada nota de originalidade, que, sem excessos ou incongruencias poeticas, faz resaltar o merito das composições.

Para prova destacamos a seguinte, que se intitula:

A DOR DAS PEDRAS

Oh pédras, a soffrêr, em ancias, nas calçádas,
Ninguem vos sabe amar, ninguem de vós tem dó,
Ninguem sabe entender, oh pédras desgraçadas,
Que ha lagrimas tambem dentro do vosso pó!

Passam, por sobre vós, tanta dôr e alegria,
Olhos em que ha prazer, olhos em que ha tormento,
E ninguem vos consóla e queima-vos o dia
E, quasi sempre a rir, insulta-vos o vento!

E ninguem sabe vêr, que póde o infinito
D'uma dôr existir n'uma pédra do chão;
Que póde acontecer que um palmo de granito
Sôffra, por vezes, mais que um grande coração.

E vós continuaes soffrendo a vossa cruz,
E eu vejo vos lançar um clarão para os Céus,
Como um grande protesto: oh pédras, essa luz
O que é que vae dizer ao ouvido de Deus?

Eu sei que vós fallaes a Deus, d'esta maneira:
Vossa palavra é luz, só Deus póde entendel-a:
Ha dentro em vós, talvez, uma via-láctea inteira,
Porque, em sentindo dôr, sae de vós uma estrella...

Oh pedras, esperae, que talvez um vulcão
Vos lance para o Céu, n'um abalo violento,
E lá póde fallar o vosso coração
E alguem comprehender o vosso soffrimeeto!

João Lucio